

1983-3717
ISSN



POLÍTICAS CULTURAIS *em Revista*

#1

v. 15, n. 1, jan./jun. 2022

1983-3717
ISSN



**POLÍTICAS
CULTURAIS**
em Revista

Pol. Cult. Rev.,	Salvador	v. 15	n. 1	p. 1-479	jan./jun.	2022
-------------------------	----------	-------	------	----------	-----------	------

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA

Reitor: *João Carlos Salles Pires da Silva*

Vice-Reitor: *Paulo César Miguez de Oliveira*

Instituto de Humanidades, Artes e Ciências Professor Milton Santos

Direção: *Luis Augusto Vasconcelos*

Programa Multidisciplinar de Pós-Graduação em Cultura e Sociedade

Coordenação: *Leandro Colling*

Centro de Estudos Multidisciplinares em Cultura

Coordenação: *Renata Rocha*

Vice-Coordenadora: *Natália Coimbra de Sá*

Editores-chefes

Alexandre Barbalho, Universidade Estadual do Ceará

Leonardo Costa, Universidade Federal da Bahia

Renata Rocha, Universidade Federal da Bahia

Editores do dossiê Guerras culturais: políticas em confronto

Pablo Ortellado, Universidade de São Paulo

Diogo de Moraes Silva, Universidade de São Paulo

Conselho Editorial

1. *Alain Herscovici*, Universidade Federal do Espírito Santo
2. *Ana Carolina Escosteguy*, PUCRS Pontfícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
3. *Ana Rosas Mantecón*, Universidade Autónoma Metropolitana do México
4. *Armand Mattelart*, Universidade Paris VIII
5. *Carlos Lopes*, United Nations Institute for Training and Research
6. *Carlos Yáñez Canal*, Universidad Nacional de Colombia
7. *César Bolaño*, Universidade Federal de Sergipe
8. *Daniel Mato*, Universidad Central de Venezuela
9. *Durval Albuquerque*, Universidade Federal do Rio Grande de Norte
10. *Emir Sader*, Universidade do Estado do Rio de Janeiro
11. *Fabio de Castro*, Universidade Federal do Pará
12. *George Yúdice*, University of Miami
13. *Guilherme Sunkel*, Victoria University, Austrália
14. *Guillermo MariacaIturri*, Universidad Mayor de San Andrés
15. *Gustavo Lins Ribeiro*, Universidade de Brasília
16. *José Machado Pais*, Universidade de Lisboa
17. *Lúcia Lippi*, Fundação Getúlio Vargas
18. *Manuel Garretón*, Universidad de Chile
19. *Marcelo Ridenti*, Universidade Estadual de Campinas

20. *Maria de Lourdes Lima Santos*, Universidade de Lisboa
21. *Muniz Sodré*, Universidade Federal do Rio de Janeiro
22. *Octavio Getino*, in memoriam
23. *Renato Ortiz*, Universidade Estadual de Campinas
24. *Rubens Bayardo*, Universidade San Martín – Universidad de Buenos Aires
25. *Xan Bouzadas*, in memoriam

Conselho de Redação

1. *Alexandre Barbalho*, Universidade Estadual do Ceará
2. *Antonio Albino Canelas Rubim*, Universidade Federal da Bahia
3. *Anita Simis*, Universidade Estadual Paulista
4. *Cláudia Leitão*, Universidade Estadual do Ceará
5. *Cristina Lins*, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
6. *Humberto Cunha*, Universidade de Fortaleza
7. *Isaura Botelho*, Centro Brasileiro de Análise e Planejamento
8. *José Márcio Barros*, Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais; Universidade do Estado de Minas Gerais
9. *Leonardo Costa*, Universidade Federal da Bahia
10. *Lia Calabre*, Fundação Casa de Rui Barbosa
11. *Maria Helena Cunha*, DUO Informação e Cultura
12. *Paulo Miguez*, Universidade Federal da Bahia



Normalização, Revisão e Diagramação:

Equipe EDUFBA

Edufba
Rua Barão de Jeremoabo, s/n, Campus de Ondina,
40170-115, Salvador-BA, Brasil
Tel/fax: (71) 3283-6164
www.edufba.ufba.br | edufba@ufba.br

Sumário

APRESENTAÇÃO:

DOSSIÊ – GUERRAS CULTURAIS: POLÍTICAS EM CONFRONTO

APRESENTAÇÃO: AS DISPUTAS POLÍTICAS NO CAMPO DA CULTURA 8

Pablo Ortellado e Diogo de Moraes Silva

1. A GUERRA CULTURAL CONTÍNUA 22

James Davison Hunter

2. A KULTURKÄMPFE NEOCONSERVADORA – 63

Andrew Hartman

3. DA REJEIÇÃO À ARTE CONTEMPORÂNEA PARA A GUERRA CULTURAL 119

Nathalie Heinich

4. O QUE QUEREM OS LIBERTÁRIOS E POR QUE DERAM UM GIRO À EXTREMA-DIREITA? 181

Pablo Stefanoni

5. A NOVA IDADE DAS TREVAS: A ESCOLA DE FRANKFURT E O POLITICAMENTE CORRETO 219

Michael Minnicino

6. POLÍTICAS E GUERRAS DA CULTURA: FILTROS DE INVESTIMENTO PÚBLICO COMO “PÓS-CENSURA” 269

Leandro de Paula, Caroline Dumas e Fernanda Pimenta

7. A ESCOLA, O GÊNERO E OS EMBATES COM O NEOCONSERVADORISMO “RESTAURADOR” 291

Assis Felipe Menin e Joana Maria Pedro

**8. A CONSTRUÇÃO DE PAULO FREIRE COMO
INIMIGO NACIONAL 315**

Rodolfo Godoi e Eduardo Dimitrov

**9. A DIREITA NAS RUAS EM 2019: ETNOGRAFIAS
DE PROTESTOS NA CIDADE DE SÃO PAULO 344**

Caio Marcondes Ribeiro Barbosa

**10. ENTRE AS “DITADURAS” DO PATRIARCADO E DO FEMINISMO:
SEGUINDO CONTROVÉRSIAS EM TORNO DA DISCUSSÃO DO ABORTO
NA 31ª BIENAL DE SÃO PAULO 367**

Diogo de Moraes Silva

ARTIGOS 396

**11. O FUNDO DA QUESTÃO: DESAFIOS INSTITUCIONAIS DO FUNDO
DE CULTURA DO ESTADO DA BAHIA 397**

Ernani Coelho Neto e Lízea Magnavita Maia

12. PRODUCCIÓN TEATRAL E INTERVENCIÓN ESTATAL 418

Larisa Rivarola

**13. ARÁBIA: UMA ANÁLISE DE SUA DISTRIBUIÇÃO
E EXIBIÇÃO 446**

Adhemar Lage e José Márcio Barros

RESENHA 469

**14. NESTOR GARCIA CANCLINI: TRADUÇÃO E APROXIMAÇÕES
A CONTEXTOS BRASILEIROS 470**

Gleise Cristiane Ferreira de Oliveira



Apresentação

DOSSIÊ - GUERRAS CULTURAIS: POLÍTICAS EM CONFRONTO

Os modelos que estamos discutindo são descritivos, não prescritivos. São tentativas de descrever as visões de mundo reais e inconscientes das pessoas, e não como elas deveriam ser.

George Lakoff (2002), *Moral politics: how liberals and conservatives think* (tradução nossa).

As chamadas “guerras culturais” referem-se às disputas políticas que se processam no campo da cultura e do comportamento, tendo no âmbito dos valores o seu principal crivo de cisões e antagonismos: as disputas sobre a posse de armas, o aborto, as drogas e o casamento homoafetivo são algumas de suas batalhas mais emblemáticas, muito longe de serem as únicas. A origem do fenômeno, bem como a sua caracterização, sua dimensão e mesmo sua modulação ortográfica (os setores situados à direita no espectro político preferem usar “guerra cultural”, no singular) também são objeto de disputa e fazem parte, do mesmo modo, das guerras culturais.

Na comunidade acadêmica há certo consenso de que, embora tenha sido ocasionalmente utilizado em

circunstâncias anteriores, o termo “guerras culturais”, na acepção contemporânea que interessa discutir aqui, foi cunhado pelo sociólogo da religião James Davison Hunter. Em seu clássico estudo *Culture wars: the struggle to define america* (Guerras culturais: a luta para definir os Estados Unidos), Hunter (1991) observa nos Estados Unidos do final dos anos 1980 a ascendência de uma série de disputas políticas baseadas em **temas morais**, como a união homoafetiva, o aborto e o espaço aberto às discussões feministas e de gênero nas escolas, sugerindo que essas pautas encontram-se interligadas naquilo que denomina “guerras culturais”, um empréstimo do termo alemão *Kulturkampf* originalmente utilizado para designar as disputas sobre a natureza do ensino na Alemanha do chanceler Otto Von Bismarck, nos anos 1870. Esses conflitos culturais são definidos por Hunter como um conflito entre visões morais de mundo antagônicas:

Eu defino conflito cultural como uma hostilidade política e social enraizada em diferentes sistemas de compreensão moral. O objetivo dessas hostilidades é a dominação de um *ethos* moral e cultural sobre os outros. [...] Trata-se de compromissos e crenças fundamentais que proporcionam uma fonte de identidade, propósito e pertencimento para as pessoas que vivem de acordo com eles. É precisamente por isso que a ação

política enraizada nesses princípios e ideais tende a ser tão passional. (HUNTER, 1991, p. 42, tradução nossa)

Antes das guerras culturais, também de acordo com Hunter, os conflitos morais foram de natureza inter-religiosa, opondo diferentes posições religiosas e teológicas. Foi justamente a formação de uma aliança conservadora inter-religiosa, unindo perfis conservadores evangélicos, católicos e judeus para enfrentar o avanço do progressismo que chamou a atenção do sociólogo da religião (HUNTER; WOLFE, 2006). Por sobre as diferenças teológicas consolidou-se uma visão de mundo ortodoxa para enfrentar o secularismo progressista, produzindo uma espécie de impulso dual e polarizado voltado a duas visões inconciliáveis de mundo:

As divisões políticas relevantes, hoje, não têm natureza teológica ou eclesiástica, mas são o resultado de visões de mundo diferentes. [...] As clivagens no coração da guerra cultural contemporânea são criadas por um impulso orientado à ortodoxia e um impulso orientado ao progressismo. [...] Ortodoxia é o compromisso por parte dos aderentes a uma autoridade externa definida e transcendente. Tal autoridade define, ao menos em abstrato, uma medida de valor, de propósito,

de bondade e de identidade pessoal e coletiva, consistente e imutável. [...] No progressismo cultural, por contraste, a autoridade moral tende a ser definida pelo espírito da era moderna, um espírito de racionalismo e subjetivismo. [...] Assim, a verdade tende a ser vista como um processo, como uma realidade que está sempre se desdobrando. (HUNTER, 1991, p. 44, tradução nossa)

Enquanto Hunter inaugurava a reflexão acadêmica contemporânea sobre os conflitos culturais ascendentes, os conservadores estadunidenses também incorporavam a nomenclatura da **guerra cultural**, em um esforço de autocompreensão dos processos políticos nos quais se viam envolvidos. Em 1992, Pat Buchanan, então pré-candidato à presidência dos Estados Unidos pelo Partido Republicano, também utilizou em um discurso na convenção republicana o termo “guerra cultural” para se referir a uma disputa pela “alma da América”:

Meus amigos, essa eleição é sobre muito mais do que quem leva o quê. É sobre quem nós somos. É sobre o que acreditamos. É sobre o que defendemos enquanto americanos. Existe uma guerra religiosa em curso, em nosso país, pela alma da

América. É uma guerra cultural, tão crítica para o tipo de nação que seremos quanto foi a própria guerra fria. (BUCHANAN, 1992, tradução nossa)

Assim, nos Estados Unidos dos anos 1990, havia uma espécie de autoconsciência crescente de que um fenômeno transformava a cultura política do país: conflitos culturais que não eram exatamente novos, em torno dos costumes, estavam saindo da periferia e migrando para o centro do debate político, ocupando-o de forma jamais vista. Em contrapartida, historiadores como Andrew Hartman (2015) apontam a gênese das guerras culturais nas demandas dos novos movimentos sociais das décadas de 1960 e 1970. Considerados pelos conservadores os quatro “cavaleiros do apocalipse” (o termo é nosso), a contracultura, o movimento negro, o movimento feminista e o movimento gay (hoje, LGBTQIA+) se propuseram modificar as relações interpessoais, buscando mudar os costumes e suas bases de opressão histórica. Quando essas transformações pareciam se consolidar, no final dos anos 1980 e início dos anos 1990, os conservadores se alarmaram com o apocalipse moral iminente e se entrincheiraram nas igrejas para iniciar um movimento de “contrarrevolução cultural”. Nos anos 2000, essa escalada dos conflitos políticos em torno de problemáticas morais começa a ser sentida em

outros países além dos Estados Unidos. No Brasil, testemunhamos uma explosão de controvérsias em torno dos supostos “kit gay” e “mamadeira de piroca” (assim alcu-
nhados por um folclórico deputado que viria a se tornar o presidente do país), do uso do conceito de “gênero” no Plano Nacional de Educação e da disseminação da noção de “ideologia de gênero” — incorporada de documentos da igreja católica. Também nesse processo, acompanhamos a grande batalha legislativa e jurídica em torno do projeto de lei “Escola sem Partido” e as tentativas de censura ou boicote a exposições como a *Queermuseu: cartografias da diferença na arte brasileira* (2017), à performance *La Bête*, do artista Wagner Schwartz, no 35º Panorama da Arte Brasileira do MAM-SP (2017), e à Bienal do Livro do Rio de Janeiro de 2019, quando a história em quadrinhos *Vingadores – A cruzada das crianças* escandalizou o prefeito daquela cidade, durante sua visita ao evento, por estampar dois homens se beijando. Episódios semelhantes se espalham pela América Latina e pela Europa.

As controvérsias próprias às guerras culturais se desenrolam em diferentes “trincheiras” do campo de batalha que se tornou a esfera pública de discussão de questões de interesse comum. Daí os meios de comunicação, os espaços educacionais, os eventos artísticos, os círculos religiosos e os contextos familiares terem se transformado em ambientes de alto grau de tensão e animosidade,

colocando em rota de colisão pessoas e grupos que, julgando portar a **verdade** em suas compreensões de mundo, se enfrentam muitas vezes à revelia dos parâmetros democráticos — não como adversários políticos, mas como inimigos. É com esse cenário em vista que o dossiê *Guerras culturais: políticas em confronto* reúne um conjunto de traduções, documento e artigos dedicados a refletir o fenômeno, a fim de contribuir para a compreensão de sua natureza, de seu caráter multifacetado e de sua tendência em incidir em praticamente todas as instâncias da realidade sociopolítica — dadas as convicções pessoais, respaldadas por identidades coletivas, que moldam as **disputas pelo bem**.

Dentre as instâncias abarcadas pelas guerras culturais, nota-se que os confrontos políticos baseados em pautas de teor moral exercem significativo impacto no campo da produção cultural, com manifestações das artes assumindo posturas político-identitárias mais explícitas e, por outro lado, movimentos civis de protesto sendo organizados para enfrentar exposições e espetáculos, com vistas a repudiá-los, boicotá-los e, em alguns casos, censurá-los. Na esteira dessas controvérsias, e anabolizadas por suas repercussões telemática e midiática, surgem propostas de políticas públicas que encarnam certos valores e encampam determinadas causas, buscando institucionalizar práticas de regulação da produção, do financiamento e da recepção de conteúdos que, de acordo com seus

autores, fazem valer o direito da liberdade de expressão. Em contrapartida, esse mesmo direito é reivindicado por aqueles que abominam tal produção e, não raro, depreciam as identidades por ela representadas. É, portanto, o **dissenso** em mais de uma acepção que confere a tônica de uma miríade de desacordos que não permitem soluções de compromisso, provocando conflagrações infundáveis. A iniciativa de organizar um dossiê acerca desse agregado de problemas, aparentemente irresolúveis, responde à inadiável necessidade de tentarmos entender o **que se passa**, ou seja, o que está em jogo nessas “guerras” pelo que seria o correto e o justo, como elas são travadas pelos atores e, ainda, quais são os seus dilemas de base. Para isso, revisitamos de início dois autores referenciais nesse debate, já citados acima: James Davison Hunter e Andrew Hartman. Do primeiro, disponibilizamos a tradução para o português de “*The enduring culture war*” (A guerra cultural contínua), artigo de 2006 no qual o sociólogo dobra a sua aposta de 1991 — fundamentada no livro *Culture wars: the struggle to define America* —, de que tal noção é imprescindível para se pensar a polarização política baseada em cisões de cunho moral. Do segundo, traduzimos o capítulo dois de seu livro *A war for the soul of America: a history of the culture wars* (Uma guerra pela alma dos Estados Unidos: uma história das guerras culturais), de 2015, cujo título faz menção à origem alemã do

termo, mencionada acima: “*The neoconservative Kulturkampfe*” (A guerra cultural neoconservadora).

Também na seção de traduções publicamos dois autores não estadunidenses, sugerindo que o fenômeno das guerras culturais extrapola as fronteiras norte-americanas. Em “Da rejeição à arte contemporânea para a guerra cultural”, a socióloga francesa Nathalie Heinich (2000) realiza um estudo comparativo entre as formas de repúdio à arte contemporânea na França e nos Estados Unidos, demonstrando como no segundo país organizações da sociedade civil se insurgem de modo sistemático contra expressões artísticas que lidam com questões de gênero, sexualidade e religião — com seus representantes políticos logrando aprovar instrumentos de controle para o uso de recursos públicos fundados em critérios morais. Já em “O que querem os libertários e por que deram um giro à extrema-direita?”, o historiador argentino Pablo Stefanoni (2021) demonstra como a “cruzada antikeynesiana” tem conquistado corações e mentes em seu país, a despeito da tradição de presença do Estado no domínio da seguridade social. No artigo, que corresponde ao terceiro capítulo de seu livro *¿La rebeldia se volvió de derecha?*, Stefanoni mostra como o liberalismo econômico radical se entrelaça com posições morais conservadoras, a ponto de verter o amálgama “liberal na economia, conservador nos costumes” na rebeldia antissistêmica dos “novos punks”.

Na seção documental do dossiê, traduzimos um obscuro, e influente, artigo de Michael Minnicino, de 1991, intitulado “A nova idade das trevas”, considerado pelos estudiosos como a fonte original da ideia de “marxismo cultural” — conspiração frequentemente mobilizada pelo conservadorismo para explicar porque as instituições de reprodução de valores, como as universidades, os meios de comunicação e as artes são apropriadas e instrumentalizadas pelo progressismo cultural. Minnicino condenará o caráter viciado e conspiratório de seu próprio artigo, depois que ele serviu de base para o manifesto de Anders Breivik, o ativista de extrema-direita que assassinou 58 jovens de esquerda na ilha de Utøya, na Noruega, em 2011.

Repercutindo a incidência das guerras culturais na seara da produção cultural brasileira, a seção de artigos é aberta com “Políticas e guerras da cultura: filtros de investimento público como ‘pós-censura’”, texto assinado pelo trio sediado em Salvador: Leandro de Paula, Caroline Dumas e Fernanda Pimenta. Analisando três diferentes medidas adotadas pela Secretaria Especial de Cultura do Governo Bolsonaro, sua contribuição investiga as estratégias e recursos mobilizados pelo atual governo brasileiro no setor das políticas culturais, com manobras que se valem de tecnicidades administrativas para limitar as liberdades de expressão e o acesso de grupos minorizados

e/ou de oposição à agenda presidencial a mecanismos de fomento à atividade cultural no país.

Com foco na esfera educacional, a dupla Assis Felipe Menin e Joana Maria Pedro, por sua vez, toma a presente conjuntura do estado de Santa Catarina como objeto em “A escola, o gênero e os embates com o neoconservadorismo ‘restaurador’”, para discutir as imbricações e disjunções entre as discussões de gênero e o ambiente escolar, expondo um panorama que parte do plano internacional, passa pela circunstância brasileira, para aportar na realidade catarinense — com suas características próprias no que tange à grande presença e à significativa influência da religião no debate público e, nesse mesmo sentido, à vigência do conservadorismo nas visões e posicionamentos de expressivas parcelas de sua população e representantes políticos.

Também sobre a discussão educacional no Brasil, a dupla Rodolfo Godoi e Eduardo Dimitrov colaboram, de Brasília (DF), com o artigo “A construção de Paulo Freire como inimigo nacional”, que examina e procura desmontar as estratégias discursivas utilizadas por Olavo de Carvalho com o intuito de deslegitimar o legado do educador pernambucano. Para isso, a dupla de autores recorre às fontes — acessando-as na íntegra e repondo seus respectivos contextos — das quais o ideólogo de extrema-direita extraiu trechos que problematizam o pensamento freireano, para reapresentá-los de modo

descontextualizado e taxativo, induzindo seus leitores e alunos a conclusões questionáveis.

Atentando para os agentes hiperconservadores ativos no espaço público nacional, “A direita nas ruas em 2019: etnografias de protestos na cidade de São Paulo”, registro antropológico de Caio Marcondes Ribeiro Barbosa, delinea os perfis e bandeiras de diferentes setores da “nova direita” no Brasil, com foco nos atos de rua ocorridos na Avenida Paulista, ao longo do primeiro ano de governo do presidente Jair Messias Bolsonaro, contribuindo para a apreensão tanto de seus liames e lógicas internas quanto das divisões verificáveis entre as diferentes frações civis mobilizadas.

A dimensão política de proposições artísticas contemporâneas representa a tônica de “Entre as ‘ditaduras’ do patriarcado e do feminismo: seguindo controvérsias em torno da discussão do aborto na 31ª Bienal de São Paulo”, artigo em que um de nós, Diogo de Moraes Silva, constata o quão controverso pode ser o mote da interrupção da gestação quando debatido publicamente, numa exposição com a visibilidade da Bienal paulistana, abrangendo grupos de estudantes que a visitavam por intermédio de suas escolas. Se para os setores progressistas representados pelo coletivo artístico boliviano Mujeres Creando o aborto é uma questão de justiça social e de saúde pública, devendo ser abordada inclusive, e sobretudo, com as adolescentes, para segmentos como o dos

ultrarreligiosos do Instituto Plínio Corrêa de Oliveira, o assunto representa algo abominável, devendo ser obstruído aos menores de 18 anos.

Esperamos que esta seleção integrante do dossiê *Guerras culturais: políticas em confronto*, abrangendo textos conceituais clássicos, um documento histórico e artigos de investigação sobre o impacto das guerras culturais no Brasil, na Europa e na América Latina, contribua para o **entendimento** dessas “guerras” e o seu papel na estruturação do campo político. É apenas compreendendo a delimitação, a origem e os efeitos das guerras culturais — mediante abordagens mais descritivas do que prescritivas, mais compreensivas do que crítico-normativas — que poderemos tentar conceber saídas para essa conflagração político-cultural que tem empurrado, de forma rápida e vertiginosa, nossas sociedades para o autoritarismo e a violência característicos dessa deflagração.

REFERÊNCIAS

BUCHANAN, P. J. 1992 Republican national convention speech. *Patrick J. Buchanan: Official Website*, Smethport, 17 ago. 1992. Disponível em: <https://bitly.com/adBAK>. Acesso em: 7 mar. 2022.

HARTMAN, A. *A war for the soul of america: a history of the culture wars*. Chicago: University of Chicago Press, 2015.

HEINICH, N. From rejection of contemporary art to culture war. In: LAMONT, M.; THÉVENOT, L. (ed.). *Rethinking comparative cultural sociology: repertoires of evaluation in France and the United States*. Cambridge: Cambridge University Press, 2000. p. 170-209.

HUNTER, J. D. *Culture wars: the struggle to define America*. New York: Basic Books, 1991.

HUNTER, J. D.; WOLFE, A. *Is there a culture war? A dialogue on values and American public life*. Washington: Pew Research Center, 2006.

LAKOFF, G. *Moral politics: how liberals and conservatives think*. Chicago: University of Chicago Press, 2002.

STEFANONI, P. *¿La rebeldía se volvió de derecha? Cómo el antiprogresismo y la anticorrección política están construyendo un nuevo sentido común (y por qué la izquierda debería tomarlos em serio)*. Buenos Aires: Siglo Veintiuno, 2021.

*Pablo Ortellado*¹

*Diogo de Moraes Silva*²



- 1 Pablo Ortellado é professor do curso de Gestão de Políticas Públicas da Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo. paort@usp.br.
- 2 Diogo de Moraes Silva é pesquisador, mediador cultural e artista visual. Atua como assistente técnico no Sesc São Paulo, na Gerência de Estudos e Desenvolvimento. É doutorando no Programa Interunidades em Estética e História da Arte da Universidade de São Paulo. diogodemoraes@gmail.com.